

Dia dos Mortos: entre o sagrado e o festivo, a celebração mexicana que desafia a morte

escrito por Eduardo Henrique



Mais do que um simples feriado, o Día de los Muertos é uma das manifestações culturais mais profundas e simbólicas do México. Celebrada entre **31 de outubro e 2 de novembro**, a festa combina elementos **das antigas civilizações mesoamericanas** – como **os astecas, maias e zapotecas** – com as **tradições católicas** trazidas pelos espanhóis no século XVI.

Reconhecida pela **Unesco como Patrimônio Imaterial da Humanidade**, essa celebração é uma verdadeira ponte entre o mundo dos vivos e dos mortos, um testemunho do sincretismo religioso e da resistência cultural dos povos indígenas.



Pirâmide de Kukulcán, também conhecida como El Castillo, localizada no sítio arqueológico de Chichén Itzá, no estado de Yucatán.

A pirâmide é um templo dedicado ao deus Kukulcán, a “serpente emplumada”, uma das principais divindades maias, relacionada ao vento, à sabedoria e à renovação da vida.

Sua estrutura foi projetada com precisão astronômica e simbólica, refletindo o profundo conhecimento dos maias sobre o tempo e o cosmos.

Origens pré-hispânicas: a morte como continuidade da vida

Muito antes da colonização espanhola, os povos originários da região que hoje conhecemos como México já cultuavam seus mortos. Para eles, **a morte não representava o fim, mas uma transição para outra etapa da existência.** Os **astecas**, por exemplo, acreditavam que a alma continuava viva em outro plano, regido por deuses específicos.

Entre as divindades mais veneradas estava **Mictecacíhuatl**, conhecida como a “Senhora dos Mortos”, guardiã do **Mictlán**, o submundo. Durante rituais dedicados a ela, crânios de entes queridos eram preservados como símbolos de **renascimento e**

continuidade espiritual. Segundo o historiador **Miguel León-Portilla**, em “La Filosofía Náhuatl” (1956), “os mexicas compreendiam a vida e a morte como forças complementares – o morrer era apenas mudar de morada no universo”.

Os **maias** e **zapotecas** também compartilhavam dessa visão cíclica da existência, realizando cerimônias agrícolas e funerárias que relacionavam a fertilidade da terra com o retorno das almas ancestrais.



(Anadolu Agency/Getty Images)

A fusão com o catolicismo e o nascimento de uma nova tradição

Com a chegada dos espanhóis e o avanço da **evangelização católica**, os missionários tentaram suprimir as celebrações indígenas ligadas à morte. Contudo, as crenças nativas mostraram-se resilientes. Para facilitar a conversão, os religiosos **adaptaram as datas e ritos locais** às comemorações católicas de **Todos os Santos (1º de novembro)** e **Finados (2 de novembro)**.

Dessa fusão nasceu o atual **Día de los Muertos**, que transformou o luto em festa. Como afirma **Octavio Paz** em “O Labirinto da Solidão” (1950), “o mexicano não teme a morte: ele a acaricia, a zomba, dorme com ela, é sua amante constante”. A citação sintetiza o espírito da celebração – uma convivência alegre e reverente com a finitude.



O altar – ou oferenda – é um elemento central, incorporando a profunda conexão entre os vivos e os mortos. Foto: Getty Images

O simbolismo dos dias e das oferendas

Durante o período entre **31 de outubro e 2 de novembro**, acredita-se que o **véu entre o mundo dos vivos e o dos mortos se torna mais tênue**, permitindo o reencontro das almas com seus familiares.

Cada dia tem um significado específico:

31 de outubro a 1º de novembro: celebra-se o Día de los

Angelitos, dedicado às crianças falecidas.

2 de novembro: é reservado aos adultos, momento de maior devoção e festa.

As **oferendas (ofrendas)** são o coração da celebração. Montadas em altares coloridos, elas incluem:

Frutos da terra: tangerinas, abóboras e cana-de-açúcar.

Frutos do vento: incensos e aromas para guiar as almas.

Frutos da água: vasos para saciar a sede dos espíritos.

Frutos do fogo: velas acesas nos quatro pontos cardeais, iluminando o caminho dos mortos.

Fotografias, objetos pessoais e comidas favoritas dos falecidos completam o altar, que se torna um retrato espiritual do amor e da memória familiar.

A **flor de cempasúchil** (tagetes), símbolo solar, é outro elemento essencial. Segundo a tradição, suas pétalas douradas iluminam o caminho das almas.

Cultura viva: arte, música e celebrações pelo país

A festa do Día de los Muertos se espalha por todo o México, mas algumas cidades concentram celebrações emblemáticas:

Aguascalientes: abriga o **Festival Cultural de Calaveras**, dedicado à icônica figura de **La Catrina**, criada pelo artista **José Guadalupe Posada** no século XIX. O evento inclui exposições, gastronomia, desfiles e o famoso **Museu da Morte**.

Oaxaca de Juárez: o coração das comemorações populares, com desfiles de comparsas – músicos e dançarinos vestidos de caveiras –, além de rituais nos cemitérios iluminados por

velas e flores.

San Andrés Míxquic (Cidade do México): cemitérios são decorados desde 30 de outubro com altares, flores e velas, acompanhados de apresentações teatrais e musicais.

Tuxtepec: conhecido pelos altares floridos e pelo concurso regional que premia os mais belos, decorados com cempasúchil e objetos dos falecidos.

Xochimilco: oferece passeios noturnos de barco nos canais e a encenação da lenda de La Llorona, um espetáculo sombrio e poético.

Parque Xcaret (Riviera Maya): promove o **Festival de Tradições de Vida e Morte**, com gastronomia, danças, teatro e rituais indígenas contemporâneos.



Entre o sagrado e o profano: a mensagem eterna da celebração

O Día de los Muertos é uma festa paradoxal: colorida e alegre,

mas profundamente espiritual. Não se trata de lamentar as perdas, mas de **celebrar a continuidade da vida através da memória**.

Como resume a antropóloga **Elsa Malvido**, pesquisadora do Instituto Nacional de Antropología e Historia do México, “o culto aos mortos é o espelho mais fiel da alma mexicana, onde a morte não é negação, mas companheira da existência”.

Assim, enquanto o mundo ocidental costuma tratar a morte com silêncio e temor, o México a transforma em **música, cor e poesia** – lembrando a todos que, ao celebrar os que partiram, reafirmamos a beleza e o valor da vida.